

Estádios de futebol: o movimento da memória na atribuição de sentidos à Boca do Lobo

Football Stadiums: The Movement of Memory
in the Attribution of Senses to Boca do Lobo

Naiara Souza da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil

Doutora em Letras, UFPEL

naiaraa_souza@hotmail.com

RESUMO: O presente texto origina-se de uma pesquisa de Doutorado na área de Letras, cuja temática principal trata do funcionamento do futebol em nossa sociedade, e, nessa linha, muitas discussões puderam ser propostas na sequência enquanto seguimentos de reflexões teóricas e analíticas. Assim sendo, com o aparato teórico e analítico da Análise de Discurso, tratada também como AD, cujo precursor é Michel Pêcheux, buscamos compreender o sentido atribuído ao Esporte Clube Pelotas, um estádio situado no interior sul do Rio Grande do Sul. Precisamente, atentamo-nos às palavras de um sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo quando participou de uma entrevista oral semiestruturada com preponderância à aberta, realizada em 2017, a respeito de sua relação com seu time de preferência. Nosso objetivo é observar a representação do estádio de futebol e os efeitos de sentido que daí se (re)produzem, a partir do movimento da memória “do edifício ao torcedor” e do “torcedor ao edifício”.

PALAVRAS-CHAVE: Estádio; Boca do Lobo; Memória; Sentidos.

ABSTRACT: The present text originates from a Doctoral research in the area of Letters, whose main theme is the functioning of football in our society, and, thus, many discussions could be proposed in the sequence as segment soft he or etical and analytical reflections. Thus, with the theoretical and analytical support of Discourse Analysis, also treated as AD, whose precursor is Michel Pêcheux, we seek to understand the sense attributed to Esporte Clube Pelotas, a stadium located in the southern interior of Rio Grande do Sul. Precisely, we are attentive to the words of a golden-cerulean tattooed an when he participated in a semi-structured oral interview with a preponderance to the open, held in 2017, about your relationship with your preferred team. Our objective is to observe the representation of the football stadium and the effects of sense that are (re) produced based in this representation, from the movement of the memory “From the Building to the Fan” and from the “Fan to the Building”.

KEYWORDS: Stadium; Boca do Lobo; Memory; Sense.

PALAVRAS INICIAIS

O presente texto origina-se de um trabalho de quatro anos de dedicação,¹ cuja temática principal trata do funcionamento do futebol em nossa sociedade, e, nessa linha, muitas discussões puderam ser propostas na sequência enquanto seguimentos de reflexões teóricas e analíticas. Esse período pode parecer pouco tempo, pensando na grandiosidade da temática do futebol, mas, ao trabalhar nesse jogo entre memória e sentidos acerca de um clube situado no interior sul do Rio Grande do Sul, o Esporte Clube Pelotas, observamos que recuperamos um século de história.

Das palavras ouvidas, dos livros lidos, dos jornais folheados, das fotografias vistas e das tatuagens analisadas, emergem diferentes sentidos, tão afetivos quanto singulares, que vão além daqueles sentidos socialmente determinados desde a consolidação do Clube na cidade de Pelotas, sendo (re)construídos e movimentados pelo viés da memória de cada sujeito tatuado torcedor acerca do seu clube.

Tal como bem pontuou José Éder (2010) ao decidir escrever um livro sobre o clássico Bra-Pel, que trata do Clube em questão e do seu rival, o Grêmio Esportivo Brasil, ele sabia que estaria mexendo em um baú riquíssimo, na medida em que foram escritas milhares de páginas de uma história que tem incontáveis cenas a partir da chegada da primeira bola à cidade pelotense. Trata-se, sobretudo, de um Clube que sensibiliza uma grande torcida chamada de áureo-cerúlea pelas cores que remetem ao símbolo representativo do mesmo, amarelo e azul. E como bem lembra o repórter, são incontáveis cenas e inúmeros personagens que fazem parte dessa história.

Assim sendo, com respaldo do aparato teórico e analítico da Análise de Discurso,² tratada também como AD, cujo precursor é Michel Pêcheux, na área da

¹ A Tese de Doutorado desenvolvida nesse período intitula-se *Futebol e Ideologia: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel*, defendida no ano de 2019 pela Universidade Federal de Pelotas.

² Enquanto analistas de discurso, com respaldo nas noções teóricas e nos procedimentos analíticos da teoria a qual nos filiamos, propomo-nos a encarar o desafio de estudar o futebol empenhando-nos “em descobrir o que se esconde sem cessar no que se diz” (PÊCHEUX, 2009, p. 23), com o cuidado na articulação das três regiões do conhecimento que configuram a própria AD pecheuxtiana, sejam elas o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, considerando ainda o atravessamento da psicanálise ao tratar da subjetividade.

Linguística, buscamos compreender o sentido atribuído ao Pelotas por um sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo³ quando participou, em 2017, de uma entrevista a respeito de sua relação com seu time de preferência.⁴ Especificamente, nosso objetivo é observar a representação do estádio de futebol do Esporte Clube Pelotas, conhecido como Boca do Lobo, e os efeitos de sentido que daí se (re)produzem, a partir do movimento da memória “do edifício ao torcedor” e “do torcedor ao edifício”.

O estádio, como entende Damo, é um cenário polifônico, e, sendo assim considerado, constitui-se por uma diversidade de possibilidades de experiências, significadas a partir de referenciais distintos. Segundo ele, essa polifonia resulta das múltiplas inserções dentro e fora do campo. Nesse caso, os torcedores, enquanto sujeitos inscritos nessa posição de torcedor, produzem sentidos quando no seu gesto de torcer.

Ainda segundo o autor, “não é porque os estádios sejam espaços relativamente permissivos que aquilo que é expresso no seu interior seja um *non sense*”.⁵ Dito isso, a partir da posição teórica que assumimos, entendemos os sentidos, noção cara à teoria, como possibilidades que, atribuídas por sujeitos submetidos à ordem do inconsciente e da ideologia e inscritos em determinadas posições, produzem determinados efeitos.

³ Gostaríamos de esclarecer que o sujeito, nessa perspectiva teórica, não é nem dono nem fonte daquilo que diz, pois se encontra submetido ao inconsciente e à ideologia, sendo a subjetividade mera ilusão. Numa teoria não subjetiva da subjetividade, como a AD, trabalha-se, então, com a noção de um sujeito dividido, uma vez que sua inscrição numa formação discursiva se faz imaginariamente através de uma posição. Recorrendo ao legado pecheuxiano, compreendemos que “qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (HENRY, 1990 [2010], p. 31). Orlandi (2012a, p. 49, grifo da autora), autora renomada na AD em nosso país, destaca que não há uma forma de subjetividade, “mas um lugar’ que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz: é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz”.

⁴ A entrevista realizada na época da construção do arquivo da pesquisa é entendida como entrevista oral semiestruturada com preponderância à aberta, pois a metodologia aplicada não foi de perguntas e respostas, visto que acreditamos que poderíamos restringir as possibilidades de respostas do sujeito tatuado torcedor caso fosse uma entrevista de estrutura fechada, e também porque em alguns momentos houve nossa interferência a fim de mantermos uma melhor comunicação com ele. Nesse sentido, a partir da apresentação da pesquisa, foi proposto um roteiro ao sujeito com alguns pontos necessários a serem abordados, esses relacionados aos objetivos do trabalho. Mas isto foi somente uma tática de apoio para o sujeito, na medida em que ele poderia utilizar o tempo que entendesse conveniente para se expressar, acrescentando aos pontos iniciais o que julgasse pertinente diante sua história de torcedor (cf. SILVA N., 2019).

⁵ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 415.

Seguindo, então, as orientações de Pêcheux (2009) de que as palavras não significam *a priori*, buscamos, em nosso trabalho, compreender os sentidos que as palavras do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo produzem e quais foram mobilizados a partir da memória. Assim, analisando o processo discursivo podemos entender como os sentidos funcionam e que efeitos (re)produzem. Dessa forma compreendidos, os sentidos não podem ser entendidos como determinados.

Nesse fio que nos conduz, dividimos o texto em duas seções, a primeira destinada a uma breve história da formação e da edificação do estádio do Pelotas e, a segunda, dedicada ao processo de atribuição de sentidos pelo sujeito tatuado torcedor. Isto porque entendemos que é a partir da edificação desse Clube cidadão e da história construída acerca dele, fruto também do imaginário social,⁶ que esse sujeito participante de nossa pesquisa produz sentidos, e, nesse caso, enquanto analistas de discurso, precisamos estar atentas.

DO EDIFÍCIO AO TORCEDOR: A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO

Retornando há longos anos no tempo cronológico, quando fundada a Liga Pelotense de Foot-ball, na cidade de Pelotas, em 1908, foi disputado o primeiro Campeonato Municipal, sendo o Foot-Ball Club o campeão. Devido à breve duração dessa Liga, os clubes Foot-Ball Club e Internacional⁷ reuniram-se para tratar da fusão entre as duas agremiações, com a ideia bem acolhida pelos participantes da reunião proposta. Em sua redação, Éder escreve que:

O plano dos dirigentes era fundar, na época, *uma entidade esportiva que acompanhasse o progresso da cidade*. Em homenagem a ela, o novo clube decidiu usar as cores azul e amarelo, além de levar seu nome. Os salões do Clube Caixeiral foram palco do surgimento do *Sport Club Pelotas*, no dia 11 de outubro de 1908. O primeiro presidente foi Pedro Luís Osório, com Leopoldo de Souza Soares de vice.⁸

⁶ Cf. Pêcheux (2010 [1990]).

⁷ Clubes cidadãos daquele contexto.

⁸ ÉDER. *BRAPEL: A rivalidade no sul do Rio Grande*, p. 13. (Grifos nossos).

Em seguida, foi estabelecida a data de 12 de outubro como a data oficial da fundação do Sport Club Pelotas⁹ para facilitar os festejos de aniversário devido ao feriado que comemorava a Descoberta da América e a homenagem católica à padroeira do país, Nossa Senhora Aparecida. Alguns dias após essa data de fundação foi inaugurada a praça de esportes, no centro da cidade, local onde está localizado o estádio até hoje. Alves (1984), em seu livro, acentua a rapidez com que foi planejada e executada essa obra. E assim surgiu o Esporte Clube Pelotas:



Fig. 1: Estádio Boca do Lobo. Fonte: Site do Clube Pelotas.



Fig. 2: Fachada do estádio Boca do Lobo (2018). Fonte: Silva N.

⁹ Grafia utilizada na época.



Fig. 3: Símbolo do Esporte Clube Pelotas.
Fonte: Silva N.



Fig. 4: Mascote do Esporte Clube Pelotas.
Fonte: Silva N.

Para a festa de inauguração, que aconteceu no dia 25 de outubro de 1908, o Sport Club Rio Grande¹⁰ foi convidado a participar de um jogo de apresentação. Éder descreve o acontecimento:

No dia 25 de outubro de 1908, a delegação do Sport Club Rio Grande chegou de manhã, em trem expresso, como era de costume dos clubes de futebol na época. Os rio-grandinos foram recebidos com festa já na gare da estação ferroviária. Dez bondes especiais da Ferro Carril subiram as ruas 7 de Abril (atual Dom Pedro II) e 15 de novembro, despejando centenas de pessoas na Praça Júlio de Castilhos (hoje Parque Dom Antônio Zattera).

Com mais de cinco mil pessoas na plateia, Artur Lawson, presidente do Rio Grande, cortou a fita inaugural do Estádio da Avenida. Aplausos e expectativa pelos jogos de “foot-ball” que viriam na sequência. [...] O futebol, em pouco tempo, havia caído no gosto dos pelotenses. Tudo em clima de bandas, foguetes estourando, aplausos, vivas e entusiasmo geral.¹¹

O futebol, dessa maneira, progressivamente, firmava-se como uma das grandes atrações dos finais de semana. Alves enumera alguns jogos ocorridos no Clube Pelotas, ano após ano, “com a presença de sócios, público e exmas. famílias”.¹² Em 1910, foi realizado o primeiro jogo de futebol internacional em seu

¹⁰ O Sport Club Rio Grande, fundado em 1900, é um clube de futebol brasileiro da cidade de Rio Grande, situada no interior sul do Rio Grande do Sul, conhecido como Rio Grande e pelos apelidos Vovô, Veterano e Tricolor.

¹¹ ÉDER. *BRAPEL: a rivalidade no sul do Rio Grande*, p. 13.

¹² ALVES. *O futebol em Pelotas: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941)*, p. 20.

campo, entre os times Pelotas e Estudiantes, clube argentino, que foi um marco também para a cidade.

Em 1911, o clube áureo-cerúleo iniciou a temporada com a inauguração das reformas da sua praça de esportes que teve a soma de duas canchas de tênis. Nesse ano, segundo o relato de Alves (1984), o presidente Dr. Pedro Luis Osório recebeu um telegrama de Montevideú informando que, atendendo ao convite recebido, em assembleia dos clubes uruguaiois, ficou resolvida a visita dos representantes da Liga Uruguaia de Football a nossa cidade.

E à noite de sábado, 8 de julho, chegavam então a Pelotas os jogadores da Liga Uruguaia, acompanhados da comissão de recepção do SC Pelotas, com o presidente Dr. Pedro Luis Osório à frente. Na gare encontravam-se exmas. famílias, representantes de clubes, autoridade e povo, que foram recepcionar os visitantes. E à chegada do trem uruguaiois foram aclamados com entusiasmo. As bandas Lyra Artística e Diamantina executaram os hinos uruguaio e nacional, entre vivas às duas nações, organizando-se após extenso préstimo, que desfilou entre as ruas 7 de Abril e 15 de Novembro até o Hotel Aliança, sendo os visitantes muito aplaudidos durante o trajeto.¹³

Foi um grande evento social e esportivo, comenta o autor, com todos os espaços do Clube tomados por uma multidão calculada em mais de quatro mil pessoas. Nesse contexto, apesar de serem inclusos “todos” os sujeitos pelotenses pelo uso da palavra “povo”, importa observarmos que: i. há divisão de classes nas relações de produção na cidade de Pelotas materializada linguisticamente na diferença, no embate, entre “exmas. famílias” e “povo”; e ii. o “povo” é um partitivo, uma parcela do povo, já que sabemos que nem “todos” eram bem recebidos no clube nessa época, e, assim, ancoradas no viés discursivo, entendemos que “o referente se constrói no e pelo discurso”.¹⁴ O que emerge desse funcionamento é o político enquanto relações de força que se estabelecem entre classes sociais distintas, e, por isso, precisamos estar atentas ao processo discursivo, pois nele trabalha a ideologia.

Luiz Rigo (2004), em seu texto, faz alusão a um *scratch* carioca ocorrido em 1912 na semana esportiva da nossa cidade, e apresenta a coluna “Pelo Foot-

¹³ ALVES. *O futebol em Pelotas*, p. 24.

¹⁴ CAZARIN. *Enunciados em rede na tessitura do discurso*, p. 5.

Ball” do *Diário Popular*, do dia 10 de novembro, com o cardápio, altamente sofisticado, da ceia oferecida pelo Pelotas ao visitante. A posição do autor ao apresentar o tal cardápio refere-se a sua tentativa de ilustrar uma das características do futebol pelotense daquela época: a natureza aristocrata. O jornal *Diário Popular*, segundo ele, dedicava-se a noticiar, em coluna elaborada, os preparativos da semana esportiva, anunciando os esforços do Pelotas para trazer o selecionado carioca e para promover as atividades propostas como jantares íntimos, banquetes, recepções, visitas a lugares e a personalidades públicas, atividades que se destacavam, tanto em número como em relevância, das partidas de futebol previstas.

O futebol pelotense, dessa época, era influenciado, portanto, na opinião do professor, pelos costumes e pelos comportamentos sociais predominantes da elite, e as práticas futebolísticas estabeleciam-se numa tensão entre uma aristocracia pastoril de ideário rural e uma burguesia urbana emergente. Na explicação, dentro de campo, exigia-se dos jogadores postura corporal e boas atitudes pessoais, pois havia a preocupação de que as boas maneiras fossem condizentes com os estereótipos de um cavalheirismo eurocêntrico, já que o campo tornava-se alvo de olhares. Fora de campo, a indumentária de nobre procedência dos jogadores exibia o *status* social que representavam, e apareciam também os prêmios e os brindes que ganhavam como gratificações que “pretendiam ser compatíveis com a estirpe de quem oferecia e de quem os recebia”.¹⁵

Todos esses cuidados, dentro e fora de campo, perpassavam os pressupostos ideológicos relacionados à classe social predominante, tornando as práticas de futebol dependentes do nível de escolarização, dos valores morais, dos padrões de comportamento e dos costumes culturais dessa parcela da sociedade pelotense, “tanto de quem entrava em campo, como de quem aplaudia”, completa Rigo.¹⁶ Assim, sobre o público que prestigiava as partidas, o professor explica que, sobre ele também, recaíam determinadas prescrições sociais quanto à forma de torcer e de se comportar dentro dos estádios.

¹⁵ RIGO. *Memórias de um futebol de fronteira*, p. 94.

¹⁶ RIGO. *Memórias de um futebol de fronteira*, p. 95.

No entendimento de Rigo,¹⁷ no período da década de 1920, as práticas de futebol extrapolaram as estruturas que o condicionavam a ser apenas um costume distintivo das elites, e, ao ser acessível a diferentes classes sociais, o esporte tornou-se símbolo de um “estilo de vida urbano”. De tamanha importância que assumiu na vida dos sujeitos torcedores e na movimentação da cidade de Pelotas, não era mais possível dissociar o futebol da história da cidade.

Com um salto nessa cronologia, pontuamos que, apesar de terem se passado anos, ainda existe um imaginário dualístico tanto de raça quanto de classe social que perpassa as representações dos sujeitos tatuados torcedores, e seu discurso é constituído em relação a esse imaginário que têm do lugar social de que falam. Por isso, retomamos a historicidade da edificação do Esporte Clube Pelotas, para entendermos esse imaginário construído historicamente e que produz determinados sentidos até hoje.

Para Pêcheux,¹⁸ “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. A esse respeito, Orlandi escreve que todos os mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias. Nesse viés, segundo ela,

não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade [...], mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem ao sujeito passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições.¹⁹

A posição-sujeito torcedor áureo-cerúleo, assim, é significativa no discurso. Ela significa em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva, pois o mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos, dos clubes e do objeto do discurso – neste caso, a sua relação com seu clube “do coração”. E, ainda, mobiliza um dizer que remete a alguns sentidos e não a outros.

¹⁷ RIGO. *Memórias de um futebol de fronteira*, p. 122.

¹⁸ PÊCHEUX. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, p. 81.

¹⁹ ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, p. 40.

Para Damo,²⁰ deslocar-se ao estádio implica “o empenho da fidelidade, pois o torcedor vai ao jogo do time pelo qual torce, e não a um evento futebolístico qualquer”. O pertencimento clubístico, nessa concepção, segundo o autor, especifica, quanto ao gesto de torcer, um segmento de público militante que se encontra emocionalmente engajado.

E, aqui, faz-se necessário uma distinção antes de darmos continuidade ao texto e adentrarmos na nossa interpretação, que diz respeito ao gesto de torcer e ao gesto de pertencer. Sobre isso, Damo explica que torcer caracteriza tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento intensa – caso do sujeito tatuado torcedor de nossa pesquisa.

Compreender, assim, a maneira como se articulam as relações de pertencimento é fundamental para ele, na medida em que são essas relações que “constituem um dos pilares que dão sustentação ao futebol enquanto espetáculo para além do espetáculo propriamente dito”.²¹ Ou seja, se bem entendemos o autor, não há uma “chave interpretativa”, utilizando-nos de seu próprio sintagma, para compreendermos a relação de afetividade dos sujeitos torcedores pelos seus clubes, e, é por isso, que acreditamos que a AD nos auxilia nesse trabalho, possibilitando-nos compreender o gesto de torcer e pertencer, por meio do funcionamento de identificação.

Do edifício ao torcedor, vejamos agora os sentidos atribuídos à Boca do Lobo pelo sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo.

O MOVIMENTO DA MEMÓRIA NA ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS À BOCA DO LOBO

“Não desejo tornar-me um positivista empedernido, não me interessa ‘tudo’ o que se passa no estádio. É impossível captar senão fragmentos”.²² Iniciamos esta seção com uma observação bastante precisa, a nosso ver, de Damo sobre a impossibilidade de darmos conta de todos os processos discursivos e de todos os discursos que são (re)produzidos em torno do futebol e dos estádios. Nesse aspecto que julgamos importante ser esclarecido, enfatizamos que efetuamos

²⁰ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 388.

²¹ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 66.

²² DAMO. *Do dom à profissão*, p. 406.

recortes que nos interessam a serem trabalhados nesse momento, de acordo com nosso objetivo, tal como já pontuamos.

Cabe a nós, na nossa prática de leitura empreendida aqui, explicitar como um objeto simbólico – a língua, precisamente as considerações do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo – produz sentidos, o que implica saber, conforme escreve Orlandi,²³ “que o sentido sempre pode ser outro, porém não pode ser qualquer um, pois não dá para ler o que o texto não nos permite”. Nessa forma de conceber nossa prática, não nos compete o papel de atribuir sentido(s) às considerações desse sujeito tatuado torcedor entrevistado, mas de explicitá-las, observando os efeitos de sentido que (re)produzem e a memória que ele mobiliza ao produzi-los.

Daí nosso compromisso ético e político, tanto com o fazer científico quanto com seu retorno à sociedade enquanto uma reflexão séria e coerente. Na perspectiva teórica da AD, não buscamos um sentido verdadeiro sobre o estádio da Boca do Lobo que estaria oculto nas palavras do sujeito tatuado torcedor, como se tivéssemos a tal chave que abriria a porta do segredo de sua identificação. Trata-se de compreender, com base nos pressupostos teóricos, como os sentidos são formulados por esse sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, processo esse que nos chamou atenção, dentre os demais sujeitos tatuados torcedores entrevistados. Assim, das palavras do sujeito em foco,²⁴ trazemos o seguinte trecho:²⁵

Meu vô me (+) apresentou o Pelotas e... a época que ele me apresentou, a gente ganhava do Brasil direto, e então a gente, e... eu era pequeno e via aquela torcida do Brasil calada e a nossa fazendo a festa, e aquilo ali foi criando uma paixão, e aí fui acostumado a ganhar de Inter e de Grêmio também, então foi uma paixão criada desde pequeno e eu nunca

²³ ORLANDI. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, p. 64.

²⁴ Para a transcrição do depoimento, utilizamos como base o código definido por Marcuschi (1998), quando o autor trata da transcrição de conversas, a partir de seus estudos de conversação entre falantes. Por tratar-se de oralidade, convém explicarmos que nem sempre se apresentam parágrafos coesos e coerentes, podendo aparecer também vozes sobrepostas dos sujeitos envolvidos, interferência de terceiros ou interrupções por barulhos externos, o que não desqualifica o material. Portanto, para que a transcrição seja acessível ao sujeito leitor ao mesmo tempo em que fiel à situação e aos sentidos atribuídos pelo sujeito, são utilizados sinais que correspondem a uma formatação da conversação para que tenhamos uma transcrição “limpa e legível” (cf. SILVA N., 2019). A entrevista na íntegra pode ser lida em Silva N. (2019, p. 280).

²⁵ Os sinais utilizados representam: (+) pausas e silêncios: quando há pequenas pausas de até 0.5 segundos; [] sobreposições de falas: quando há sobreposição de falas dos sujeitos envolvidos; e, (()) comentários da pesquisadora: quando há interação de nossa parte (SILVA N., 2019, p. 141).

abandonei sabe, nunca abandonei nunca nunca. Sempre Pelotas, na primeira divisão, na segunda, pode estar jogando o que tiver que jogar, eu vou estar sempre lá apoiando e... é isso aí, a aí do meu avô passou para o meu pai né, o meu pai é Pelotas também, aí o meu pai me levava mais, a minha tia também é áureo-cerúleo, a minha tia mora em Porto Alegre, então eu sempre fui criado dentro da Boca do Lobo, né; agora em 2008, o meu vô, aí antes de conquistar o primeiro título que foi um dos motivos que fiz a minha tatuagem, o meu vô ele faleceu né, e aí a gente, e o sonho dele era ser crema cremado e... e ser colocado na Boca do Lobo né, e a direção do Pelotas, ela apoiou, autorizou e a gente fez uma cerimônia dentro da Boca do Lobo e o meu vô está lá né, e... depois que meu vô foi para lá, a gente nós levantamos a Lupi Martins em 2008, 2009 a gente subiu e começou a acontecer muita coisa sabe ((Claro!)) e... então, assim, é muito marcante assim, é uma coisa, para mim, que é a minha vida, é eu... é corre na minha veia o azul e o amarelo, então, aí a minha vó por último faleceu também e ela está lá junto com meu vô, então além de ser um lugar para que eu vou para me desestressar, relaxar, para torcer pelo meu clube, é um lugar que para mim é... é... como se fosse [((Acolhedor?))] com certeza, eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô, eu rezo, eu peço para ele para a gente se, eu tenho certeza que ele sabe disso, que ele me me sente [((Claro!))] e... então, é um lugar muito especial para mim né, a Boca do Lobo para mim é um lugar muito especial, já vivi muita história boa e muita história triste e... e... jamais vou abandonar né, agora a semana que vem começa [((É!))] e... é isso aí. Vamos estar lá na arquibancada, no mesmo lugar, apoiando o Pelotas né.²⁶

Com relação ao que nos propomos analisar, então, podemos observar nas considerações do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, enquanto sujeito interpelado ideologicamente pelo futebol e afetado pelo inconsciente, a memória que ele recupera na construção do seu depoimento.

Ao materializar pela língua a sua relação com o seu time de preferência, o sujeito movimenta dois eixos, o da memória e o da atualidade, na medida em que compreendemos que é na materialização do discurso, por meio de sua formulação, que a memória se atualiza. Sobre isso, Orlandi escreve que

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também, por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as formações ideológicas.²⁷

²⁶ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

²⁷ ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, p. 53.

Em texto distinto, a autora retoma que é no eixo da formulação, em síntese, que “a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”.²⁸ Nessa forma de pensar, logo podemos sublinhar o funcionamento de identificação do sujeito torcedor ao Esporte Clube Pelotas e o efeito de sentido de pertencimento que emerge de suas considerações, através de alguns enunciados, como: “foi uma paixão criada desde pequeno”, “eu nunca abandonei”, “Sempre Pelotas”, “eu vou estar sempre lá apoiando”, “do meu avô passou para o meu pai”, “eu sempre fui criado dentro da Boca do Lobo”, “é uma coisa, para mim, que é a minha vida, é eu... é corre na minha veia o azul e o amarelo”, “jamais vou abandonar né”.

No caso, podemos observar que, mesmo antes de nascer, a criança (sujeito torcedor) é conseqüentemente “sempre-já sujeito”, designado a sê-lo na e pela configuração ideológica familiar específica em que é esperada (torcedores áureo-cerúleos). Essa evidência do sujeito como único, insubstituível e idêntico a si mesmo é entendida na AD como resultante da sua identificação com a formação discursiva, apagando-se o fato de ele ser resultado de um processo de representação a partir de sua entrada no simbólico, via linguagem. Desse modo, ao mesmo tempo, o que se apresenta como evidente ao sujeito, a evidência de uma identidade, por exemplo, encobre sua interpelação e sua identificação.

Esse funcionamento de identificação, conforme Silva, a partir do que escreve Pêcheux, diz respeito a tomadas de posição, enquanto gestos de interpretação, por sua vez, já marcados pela história e pela ideologia. São esses gestos que nos permitem, na presente análise, compreender como tal sujeito constrói seu discurso, se significa e se posiciona na sociedade em que vive de acordo com a sua relação com o time em questão.

Esse processo de atribuição de sentidos nos faz pensar sobre o papel da memória, em especial, do que entendemos como “memória afetivo-discursiva”, tal como conceitua Silva,²⁹ em que “já-ditos e distintas emoções estão emaranhadas”. Reproduzindo a autora, “pressupor a afetividade é pressupor a dinâmica pulsional

²⁸ ORLANDI. *Processos de significação, corpo e sujeito*, p. 89.

²⁹ SILVA. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT*, p. 42.

e, conseqüentemente, a constante mudança subjetiva”.³⁰ Nesse caso, acreditamos que seja possível vincularmos o sentido atribuído pelo sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo a sua memória afetivo-discursiva, na lembrança do seu avô, do seu pai, da sua tia, da sua avó, enfim, na relação com sua família.

E essa relação com o Pelotas materializada na/pela língua significa, a nosso ver, algo mais forte para o sujeito tatuado torcedor quando se trata do estádio, cujas pistas linguísticas, como os advérbios de lugar, “dentro” e “lá”, utilizados recorrentemente, por exemplo, podem evidenciar esse sentido. A importância que é dada ao estádio não se relaciona somente ao fato de ser o edifício que acolhe os espetáculos de seu time, mas, também, por ser o espaço onde foram destinadas as cinzas de seus dois entes queridos, seu avô e sua avó, após a cremação de seus corpos.

A representação do estádio de futebol Boca do Lobo, assim, é perpassada por um imaginário construído de um lugar sagrado, que produz o efeito de sentido de particularidade, de especificidade a esse sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, conforme pode ser examinado no enunciado “eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô, eu rezo”.³¹ Retomando suas palavras,

então além de ser um lugar para que eu vou para me desestressar, relaxar, para torcer pelo meu clube, é um lugar que para mim é... é... como se fosse [((Acolhedor?))] com certeza, *eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô, eu rezo*, eu peço para ele para a gente se, eu tenho certeza que ele sabe disso, que ele me sente [((Claro!))] e... então, é um lugar muito especial para mim né.³²

Essa ressignificação do estádio por meio da mobilização da memória afetivo-discursiva para além de sua edificação pode ser notada nesse recorte que realça a atmosfera emocional. Nesse modo de compreendê-lo, Damo acentua que o estádio pode não estar lotado, mas “há uma comunidade de sentimento à espreita de suas performances”.³³

Dessa forma, o sentido atribuído à Boca do Lobo relaciona-se ao imaginário do sujeito tatuado, torcedor áureo-cerúleo entrevistado, que diz

³⁰ SILVA. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador [...]*, p. 43.

³¹ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time*.

³² SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time*.

³³ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 392.

respeito a sua posição-sujeito de torcedor e, também, à imagem de seu clube, somado a uma memória afetivo-discursiva em que lembranças e emoções estão emaranhadas, parafraseando as palavras de Silva.

Com respeito a essa noção de memória afetivo-discursiva proposta pela autora citada, convocada por ela em virtude da rememoração dos sentimentos e dos acontecimentos pelos trabalhadores no discurso da Central Única dos Trabalhadores (CUT), gostaríamos de acrescentar que compreendemos essa expressão relacionada à afetividade do sujeito tatuado torcedor.

Em síntese, explicamos nossa leitura esclarecendo que, para nós, tratando-se do contexto futebolístico e do processo de subjetivação na/pela língua e na/pela tatuagem nesse meio, o discurso é produzido configurando um lugar de fala relativa ao afeto, ao amor e à identificação. Isto é, trata-se de sentimentos recuperados pelo viés da memória afetivo-discursiva que se caracteriza na/pela exposição da interioridade, da afetividade, e que se materializa (toma forma material) pela língua e pela tatuagem, como foi o caso do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo entrevistado, que, ao atribuir sentido à Boca do Lobo, produz um discurso atravessado pelo viés religioso quando movimenta o sentido de edifício ao efeito de sentido de templo, de lugar sagrado, que o acolhe e que lhe permite gozar de um sentimento ao qual não lhe é acessível em outro espaço.

Nessa passagem recém-apresentada, em que há o atravessamento do esportivo pelo religioso, conforme entendemos, emergem efeitos de sentido de fé, de crença, de esperança derivados de um discurso religioso cristão. Justificamos essa leitura pelo fato de que o próprio sujeito denomina o lugar que se sente acolhido (“eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô”) e o gesto que pratica devotamente (“eu rezo”), relatando as suas constantes visitas a esse espaço que lhe é sagrado, para orar e pedir por algo que não é simbolizado em palavras, que fica silenciado, mas que produz sentidos, colocando em prática os valores cristãos. E isto nos leva a afirmar que o mesmo buscava uma interlocução com os planos espirituais, tomando uma posição-sujeito de fiel aos pressupostos religiosos.

É nesse espaço físico, então, no estádio Boca do Lobo, que o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo pratica sua fé, busca por esperança, por amor e por forças, de um plano superior, para enfrentar os problemas e as dificuldades, tanto àquelas

encontradas por ele, quanto àquelas encontradas pelo seu time. Nesse funcionamento mitológico, o que importa é a crença, e para que se torne representável, é preciso que o sujeito pressuponha a existência dessa relação entre terra e céu (ou plano físico e plano espiritual). Dessa maneira, ao acreditar nessa força maior, o sujeito sente-se mais forte, e, em suas próprias palavras explica, “depois que meu vô foi para lá, a gente nós levantamos a Lupi Martins em 2008, 2009 a gente subiu e começou a acontecer muita coisa sabe”, só vitória.

De acordo com Hilário Franco Júnior,

Da mesma forma que em templos de religiões tradicionais, os de futebol estão adornados pelo símbolo de sua divindade. Aquilo que externamente ao mundo do futebol é considerado mero emblema (figura acompanhada de nome ou abreviação) ou distintivo (desenho e inscrição que identificam um grupo) é sentido pela comunidade em questão como símbolo. Isto é, significante visual que sintetiza a essência da coisa significada e tem por isso caráter religioso, quer dizer, de evocação do elo que se restabelece (*religere*) entre a divindade representada (clube) e seus fiéis (torcedores).³⁴

Logo, segundo o autor, “toda religião religa homem-divindade, todo símbolo reunifica e, portanto, ressignifica coisas temporariamente separadas”.³⁵ E, pensando nessa linha, apresentamos a seguir a tatuagem que o sujeito materializou em seu corpo em homenagem ao título conquistado por seu time e a uma promessa por tal feito.

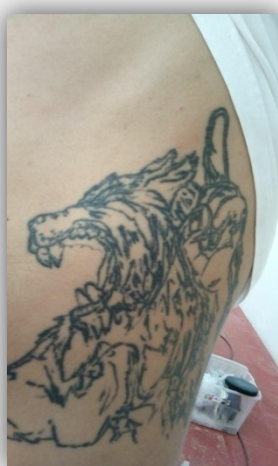


Fig. 5: Sujeito tatuado áureo-cerúleo. Fonte da tatuagem: Silva N.

³⁴ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*, p. 279.

³⁵ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 279.

Assim, a título de um efeito de fechamento de nossa análise, destacamos, para finalizar o atravessamento do discurso religioso, essa promessa de se tatuar, porque num sentido social, trata-se de um voto feito a algum santo ou a Deus para obter alguma graça com a consequência de cumprir o prometido. E, diante da fé exercida pelo sujeito tatuado áureo-cerúleo, “a gente subiu, e nesse mesmo ano que a gente subiu a gente levantou, nós levantamos um título que foi a Lupi Martins que foi em 2008, o ano do centenário do Pelotas”.³⁶

PALAVRAS FINAIS

Por fim, finalizamos esta reflexão salientando que, para esse sujeito, trata-se de “um lugar muito especial para mim né, a Boca do Lobo para mim é um lugar muito especial, já vivi muita história boa e muita história triste e... e... jamais vou abandonar né”.³⁷

E nesse processo de atribuição de sentidos, apresenta-se aos nossos olhos o inverso do que apresentamos na primeira seção intitulada “Do edifício ao torcedor”, em que podemos recuperar as condições de produção em que ocorreu a construção física do estádio, em seu plano operacional e urbanístico, quando foi inaugurado há 100 anos, e, temos, a passagem “Do torcedor ao edifício”. Neste, o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo posiciona-se com muito entusiasmo e afeto com relação ao estádio, enfatizando: “Vamos estar lá na arquibancada, no mesmo lugar, apoiando o Pelotas”.³⁸

Sobre esse modo de interpelação futebolística, lembramos a leitura de uma crônica de Luís Fernando Veríssimo sobre o futebol, chamada “Infantilidades”, do livro *Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol*, em que o escritor destaca o seguinte:

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e

³⁶ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

³⁷ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

³⁸ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada.³⁹

E, é com essa relação apaixonada, vibrante, de identificação ao Clube de preferência, que trabalhamos neste texto, com considerações subjetivas de um sujeito tatuado torcedor. Para Damo, “

O que fazem os torcedores no estádio é por em movimento um extenso conjunto de códigos, valores, atitudes, pertencimentos, identidades, sensibilidades estéticas, enfim, aquilo que as etnografias devem visar, pois essas categorias do simbólico não são mobilizadas de forma idêntica em toda parte.⁴⁰

Nessa maneira de entender a necessidade de estudos sobre o que acontece dentro dos estádios e os sentidos que dele ou de lá emergem é que desenvolvemos a presente reflexão, enquanto linguistas, desejando despertar interesse dos leitores a essa temática que propomos. E que a bola possa continuar rolando!

* * *

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliseu de Mello. **O futebol em Pelotas**: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941). Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

CAZARIN, Ercília. Enunciados em rede na tessitura do discurso. In: GRIGOLETTO, Evandra; STOCKMANS Fabiele; SCHONS, Carme. (Orgs.) **Discurso em rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011. p. 1-14.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 p. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.

ÉDER, José. **BRAPEL**: A rivalidade no sul do Rio Grande. Pelotas, RS: Editora Livraria Mundial, 2010.

³⁹ VERÍSSIMO. *Infantilidades*, p. 25. (Grifos nosso).

⁴⁰ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 403.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: **Por uma análise automática do discurso**. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990], p. 11-38.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

ORLANDI, Eni. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b, p. 187-197.

ORLANDI, Eni. Processos de significação, corpo e sujeito. In: _____. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c, p. 83-96.

PÊCHEUX, Miguel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

ORLANDI, Eni. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Organização: Françoise Gadet e Tony Hak. Trad. Bethania Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1990].

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.

SILVA, Naiara. **Futebol e ideologia**: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

SILVA, Renata. **O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT**. Tese. Universidade Católica de Pelotas, 2010.

SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERULEO. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time**. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, mar., 2017, 1 arquivo mp3 (16:18), 1 fotografia da tatuagem.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Infantilidades. In: _____. **Time dos sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010, p. 25-6.

* * *

Recebido para publicação em: 24 jun. 2020.
Aprovado em: 10 nov. 2020.